Petróleo

Rafael Nogueira

Produção, Consumo e Saldo Comercial do Petróleo.

Após dois meses consecutivos de produção recorde, a produção nacional de petróleo foi de aproximadamente 71 milhões de barris em setembro de 2014, 1,89% menor que o total produzido em agosto. Porém, se considerarmos o fato de setembro ter 30 dias, um dia a menos que os dois meses anteriores, temos que a produção diária foi, em média, de 2,36 milhões de barris, valor 2,6% maior que o registrado em agosto (2,32 MMbbl/d). Na comparação anual, setembro apresentou crescimento de 12,63% (Tabela 2.1).

A produção industrial apresentou queda de 0,2%[1] em setembro em relação a agosto, o que ajuda a explicar o recuo de 6,10% no consumo de óleo na comparação mensal. Na comparação da média diária, o consumo foi de aproximadamente 2,05 MMbbl/d, 2,97% menor que o consumo médio diário de agosto (2,97 MMbbl). As exportações também apresentaram queda de 7,06% na comparação mensal e de 6,66% na comparação com setembro de 2013. Na contramão das outras contas agregadas, as importações voltaram a crescer, após queda em agosto. O volume de óleo importado foi 124,77% maior que agosto e 135,06% maior que o mesmo mês do ano anterior (Gráfico 2.1).

O forte aumento das importações de petróleo, e a queda das exportações do insumo em setembro, geraram um saldo comercial negativo em aproximadamente 2,76 milhões de barris. Em 2014, além de setembro, fevereiro foi o único mês que apresentou déficit no saldo comercial de petróleo. O resultado de setembro interrompe a tendência de três meses consecutivos de crescimento no saldo acumulado 12 meses. (Gráfico 2.3).

Em setembro, os estados do RJ e SP, juntos, diminuíram suas produções em aproximadamente 1,19 milhões de barris na comparação com agosto, o que corresponde a 88% da queda de 1,36 milhões na produção total nacional (Tabela 2.2). A produção do pré-sal foi de 15,99 milhões de barris, mesma proporção da produção total registrada em agosto: 23%. Apesar da queda de 3,33% na produção do pré-sal em relação a agosto, o resultado é decorrente do menor número de dias, uma vez que a produção média diária foi 0,3 Mbbl maior em setembro, na comparação com o mês anterior.

Considerando os 20 maiores campos produtores de petróleo, Roncador e Marlim Sul, ambos da Petrobras, foram os campos com maior produção no mês, com 8,97 milhões e 7,02 milhões de barris, respectivamente. Com relação a outras empresas produtoras de petróleo no país, os campos de Peregrino da Statoil (9º maior produtor), Argonauta da Shell (15º) e Frade da Chevron (20º) produziram 2,4, 1,35 e 0,81 milhões de barris, respectivamente.

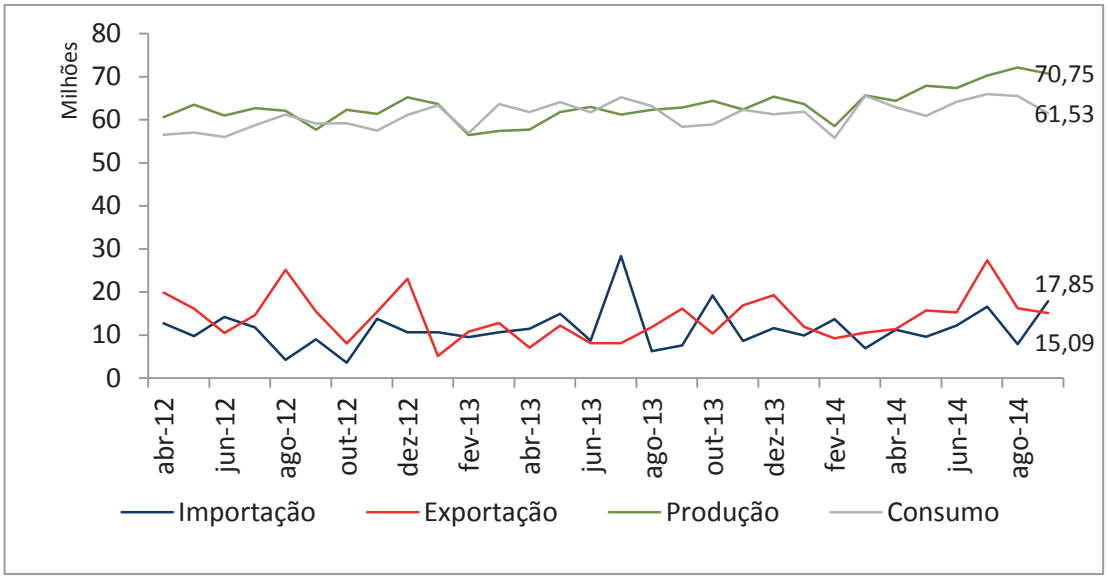
Tabela 2.1: Contas Agregadas do Petróleo (Barril)

Agregado	set-14	set-14/ago-14	set-14/set-13	Tendência 12 meses	ago-14	set-13
Produção	70.754.804	-1,89%	12,63%		72.115.775	62.818.632
Consumo	61.534.702	-6,10%	5,36%		65.534.182	58.406.020
Importação	17.853.030	124,77%	135,06%		7.942.834	7.595.188
Exportação	15.092.588	-7,06%	-6,66%		16.239.480	16.170.106

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

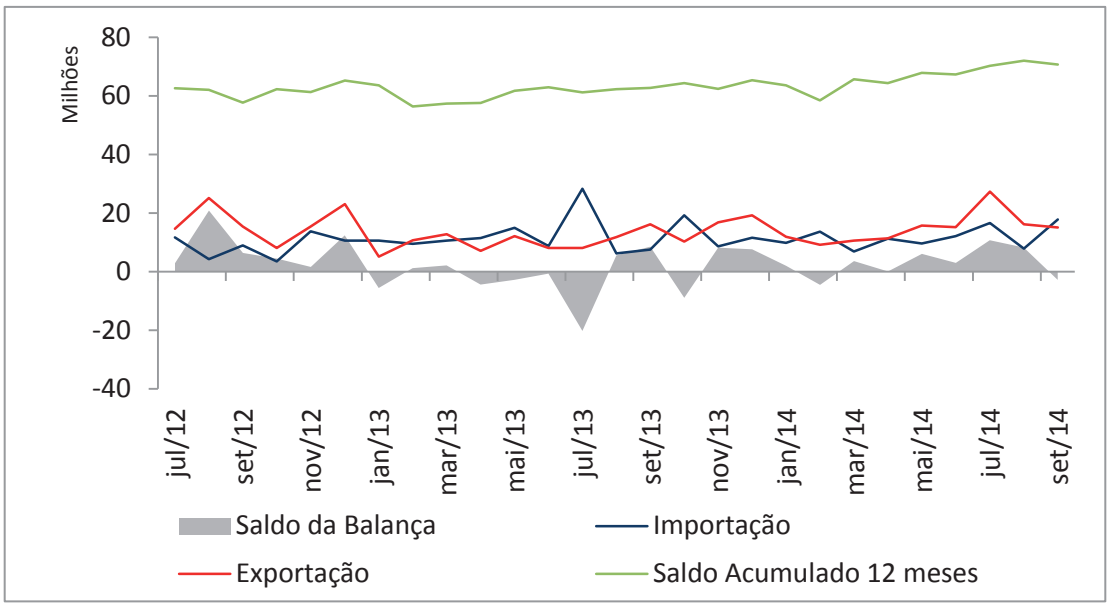
[1] Com ajuste sazonal (IBGE).

Gráfico 2.1: Contas Agregadas do Petróleo (Barril)



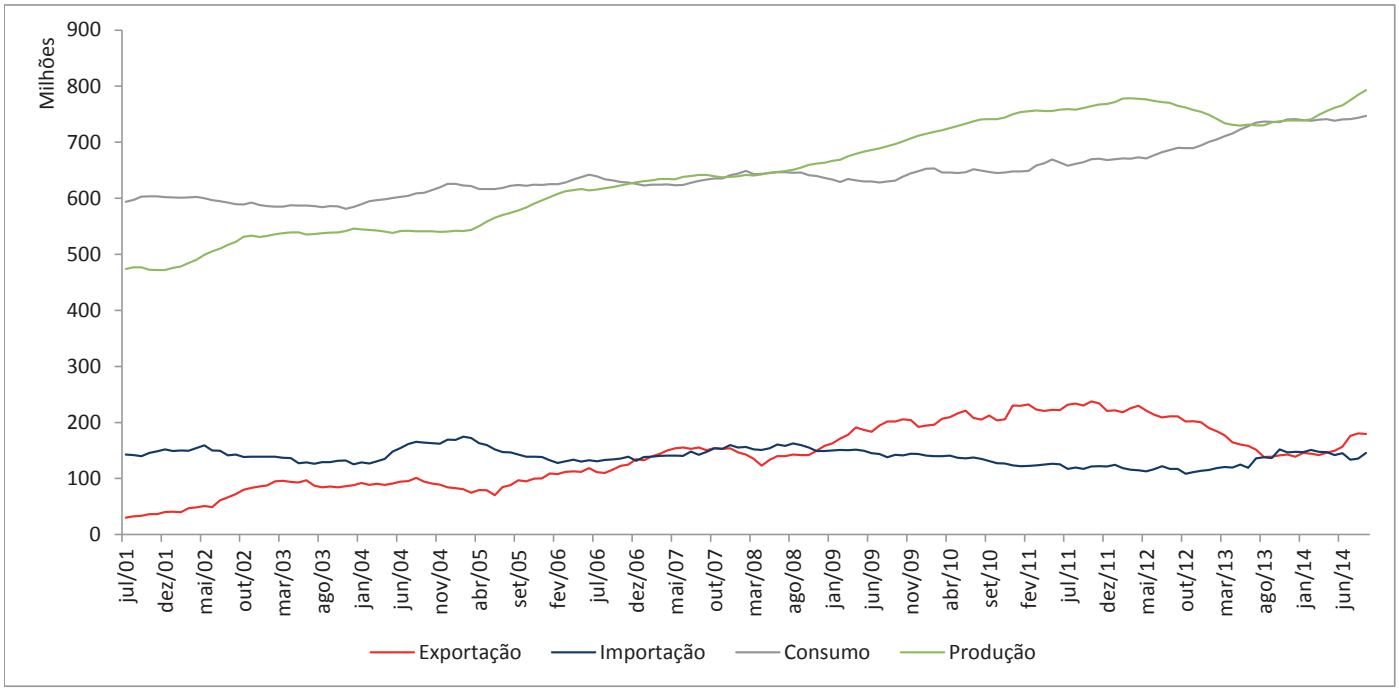
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Gráfico 2.2: Balança Comercial e Saldo Acumulado 12 meses (Barril)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Gráfico 2.3: Contas Agregadas do Petróleo, Acumulado 12 meses (Barril)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Tabela 2.2: Produção por Estado (Barril)

UF	Localização	set-14	set-14/ago-14	set-14/set-13	Tendência 12 meses	ago-14	set-13
AL	Onshore	126.510	-7,09%	13,61%		136.159	111.358
	Offshore	9.519	-6,57%	-11,29%		10.189	10.731
AM	Onshore	823.457	-4,20%	-2,79%		859.597	847.080
BA	Onshore	1.279.337	-2,65%	-3,52%		1.314.213	1.326.067
	Offshore	19.731	-16,99%	-42,47%		23.770	34.299
CE	Onshore	41.614	20,34%	20,56%		34.581	34.518
	Offshore	156.960	-16,67%	-21,84%		188.353	200.812
ES	Onshore	433.460	-7,36%	-2,59%		467.875	444.973
	Offshore	11.376.553	0,65%	26,02%		11.303.081	9.027.916
MA	Onshore	3.029	-32,26%	-30,00%		4.471	4.327
RJ	Offshore	48.880.320	-1,07%	8,65%		49.406.777	44.988.618
RN	Onshore	1.492.713	-3,06%	-5,10%		1.539.852	1.572.988
	Offshore	218.505	-1,63%	2,97%		222.126	212.209
SP	Offshore	4.684.470	-12,55%	71,61%		5.357.042	2.729.657
SE	Onshore	826.693	-1,81%	-4,38%		841.926	864.517
	Offshore	381.932	-5,87%	-6,52%		405.764	408.563
Total		70.754.804	-1,89%	12,63%		72.115.775	62.818.632

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

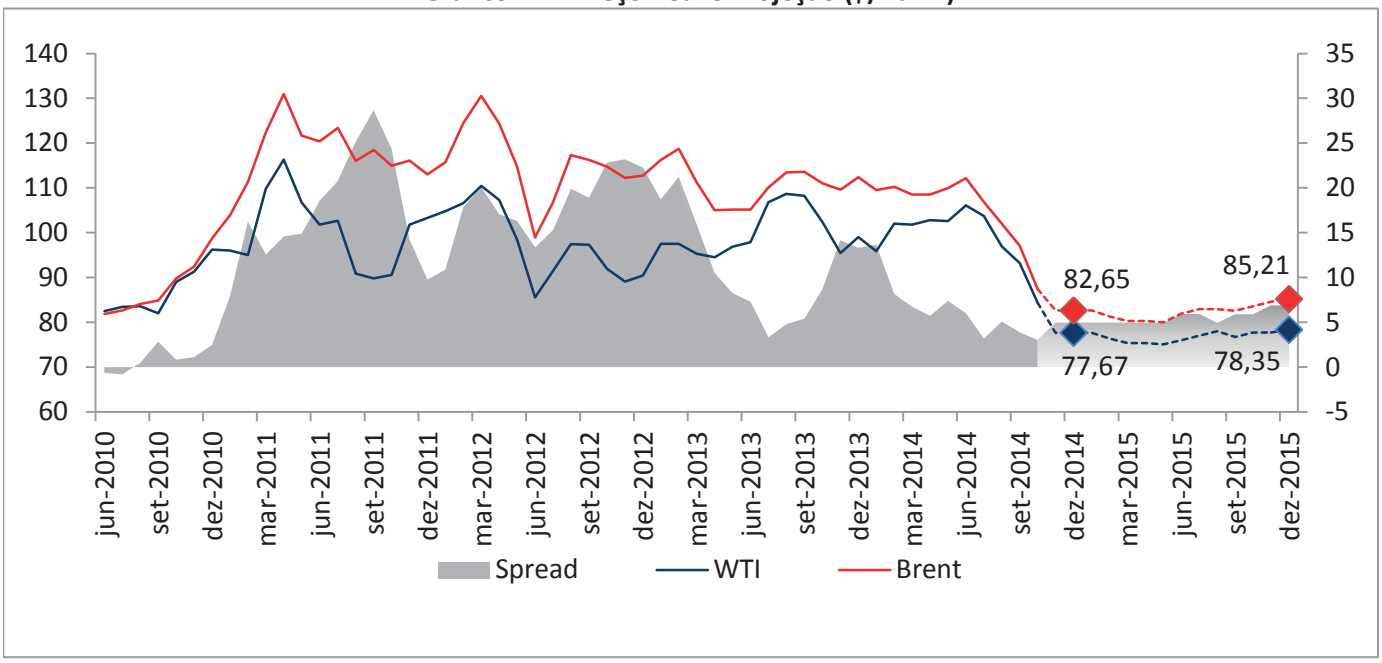
Responsável por aproximadamente 91% da produção de petróleo nacional no mês de setembro, e apesar dos sucessivos recordes de produção dos últimos meses, a Petrobras revisou sua meta de produção em 2014 para entre 5,5% e 6%, ante a meta anterior de 7,5%, com margem de erro de 1% percentual para mais ou para menos. Segundo a companhia, fatores como atraso na entrega de plataformas, necessidade de obras a bordo e atrasos nos processos de licenciamento e na interligação de poços resultaram na revisão da meta de produção anual.

Apesar do rebaixamento de sua nota de risco por agências internacionais de *rating*[2], do seu alto grau de endividamento (alavancagem líquida de 4.15x no 3T2014[3]) e dos possíveis desafios a serem enfrentados pela empresa em função do atraso na divulgação de seu resultado trimestral, a companhia trabalha com o mesmo Plano de Negócios e Gestão (PNG) no primeiro trimestre de 2015.

Segundo a ANP, do volume total de petróleo produzido no país em setembro, o grau API médio foi de aproximadamente 24,4, sendo que apenas 9% da produção são consideradas como óleo leve (>=31°API), 60% como óleo médio (>=22 API e <31 API) e 31% como óleo pesado (<22 API), de acordo com a classificação da Portaria ANP nº 09/2000.

No cenário internacional, outubro registrou forte queda dos preços do petróleo cru Brent e WTI. Os preços foram majoritariamente impactados pela combinação de oferta internacional de óleo robusta e demanda global enfraquecida. Segundo a EIA (Energy Information Administration), a média de preços em outubro, do óleo cru Brent, foi de US$ 87/bbl, o que representa uma queda de US$ 10/bbl em relação à média de preços registrada em setembro de 2014. Com relação ao preço do óleo cru WTI, o preço médio registrado em outubro, de US$ 84/bbl, foi US$ 9/bbl menor da média registrada em setembro. Ainda segundo a EIA, a demanda abaixo

Gráfico 2.4 : Preço Real e Projeção ($/Barril)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da EIA (Deflator - CPI US).

[2]Downgrade de BBB para BBB- pela Standard & Poor's em março de 2014, e de Baa1 para Baa2 em outubro de 2014 pela Moody's.

[3]Fonte: Bloomberg.

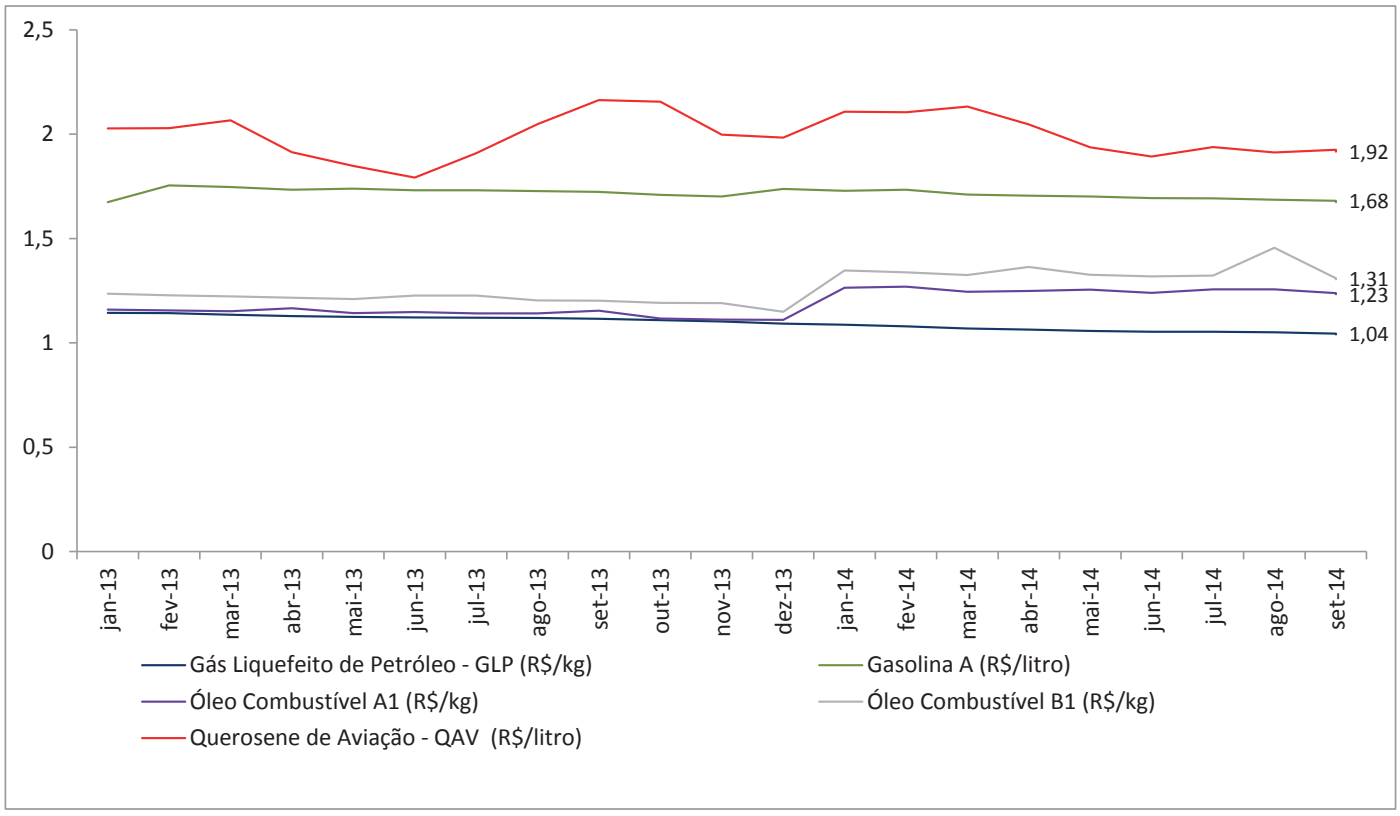
do esperado na Europa e na Ásia combinada com o crescimento na oferta global de óleo reduziram *benchmarks* globais como o Brent, estreitando a diferença de preços entre este e o WTI. As projeções para os óleos Brent e WTI para o fim de 2014 são de, respectivamente, US$ 82,65 e US$ 77,67 (Gráfico 2.4).

A agência EIA também projeta uma redução na produção de óleo cru pela OPEC para os anos de 2014 e 2015. Em 2013, a produção média diária global foi de 29,9 milhões bbl/d, e a expectativa é que neste ano haja uma redução de 0,1 milhões, e 0,15 milhões em 2015.

Derivados do Petróleo

No início de novembro, os preços da gasolina e do óleo diesel na refinaria sofreram reajuste de 3% e 5%, respectivamente. Este reajuste não incluem os tributos federais CIDE e PIS/Cofins e o tributo estadual ICMS. O reajuste veio antes do aguardado pelo mercado, porém ficou abaixo das expectativas dos analistas. Os últimos reajustes ocorreram em novembro de 2013, e foram de 4% e 8% para a gasolina e o diesel, respectivamente.

Gráfico 2.5: Série de Preços Reais dos Combustíveis.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP. Deflator: IPCA.